

RESENHA/RECENSÃO - BOOK REVIEWS

SUSIN, Luiz Carlos. **O tempo e a eternidade: a escatologia da criação**. Petrópolis (RJ). Vozes, 2018. 277 p. R\$ 41,50. ISBN 978-85-326-5771-8.

*Angela Albuquerque de Oliveira**

A obra “O tempo e a eternidade: a escatologia da criação” propõe uma reflexão acerca do tempo e vida eterna, terra e céus, curso do universo e humanidade, examinando-os em seu conjunto na perspectiva da Teologia cristã, no enredamento da relação da tradição cristã do destino da criação — escatologia —, estabelecendo diálogo com a ciência, a fim de permanecer aberto às questões levantadas na contemporaneidade, tendo em vista a sensibilidade secular e pluralismo religioso.

Apresenta, como um dos temas centrais deste estudo, a escatologia individual, de cada pessoa, inseparável da escatologia comunitária, universal e ecológica, enfatizando como questão focal o “envelopamento” da criação e da escatologia na história como processo, evolução, perdendo a dimensão sagrada.

Este trabalho compõe o mais novo exemplar (2018) do frade capuchinho, Luiz Carlos Susin¹. Entre outras produções de sua autoria, a primeira a ser publicada foi *Jesus*

* Doutoranda em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP (2019). Mestra em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB (2017). Graduada em Ciências Econômicas, UFPB (1979), Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2005). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE/UFPB/CNPq). E-mail: gel-oliveira1@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7171123122686580>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>.

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1979-1983). Atualmente, é docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e na Escola Superior de

(1950). Com *Mysterium Creationis*: um olhar interdisciplinar para o universo (2000), ganhou o prêmio Jabuti na área de literatura religiosa. Organizou, também, “*Teologia para outro mundo possível*” (2006).

De pronto, adverte ao leitor que essa obra é o resultado de vinte anos de pesquisa, perpassando desde os antigos tratados até as atuais teorias de interpretação e, portanto, de descrição densa e expressiva. Com a abordagem desta temática, o autor pretende responder as indagações de maneira a contemplá-las no presente, recorrendo à múltipla interface, no horizonte das ciências – antropologia, ecologia, filosofia e ética – e da cultura plural.

Apesar de o método empregado destacar a dimensão teológica cristã, lembra o autor que, conjuntamente, transitará pelo caminho antropológico, cristológico, pneumatológico, trinitário, eclesiológico, ecumênico e ecológico. No referencial, o autor traz à discussão as produções de pesquisadores como Balthasar (1989), Gleiser (2001), Libânio (1985), Moltmann (2012) e Murad (2016), constituindo um arcabouço teórico condutor do trabalho, com informações bibliográficas no final deste livro. Pressupõe o uso correto dos textos da escritura e do magistério da Igreja, sendo os mesmos interpretados em círculo hermenêutico.

Assevera Susin que na visão corrente a escatologia perpassa por novos questionamentos e debates, fazendo-se necessário adequar às investigações a essa demanda. O autor (2018, p. 11), ao referenciar o pensamento do teólogo Hans Urs Von Balthasar (1989), evidencia que esse tema “depois de ter ficado com a secretaria fechada por desencontro de oferta e procura, com respostas que não condiziam com as novas perguntas, precisou ultimamente ‘fazer horas extras’, e está em grande necessidade de pesquisa”.

Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF), em Porto Alegre. Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da Conferência dos Religiosos do Brasil, Secretário Geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Presidente da Associação de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) no triênio 1998-2001, da qual é cofundador. Professor convidado na Universidade Antoniana de Roma, no Instituto de Teologia e Pastoral da Confederação Episcopal da América Latina em Bogotá, exercendo o cargo de secretário-geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Pesquisador na área de antropologia teológica. Atua na Pastoral da Vila Maria da Conceição, bairro popular de Porto Alegre (Paulinas). E-mail: lcsusin@puccrs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4754775788020053>.

Introduzindo o tema sobre a temporalidade escatológica e eternidade, Susin (2018, p. 11) elucida o termo escatologia, objeto de sua investigação, comparando-o através de uma metáfora, do horizonte em que "o sol se levanta e derrama seus raios sobre a paisagem, ilumina, orienta, conduz e consoma a história, reúne céus e terra na transfiguração de Novos Céus e Nova terra, conjuga tempo e eternidade".

O exemplar, de 277 páginas, condensa 10 macrotemas assim nomeados: Entre céus e terra, entre tempo e eternidade; A história de Deus; O espírito e a esposa dizem: Vem; Morte Cristã; O juízo do justo juiz; "Purgatório": amadurecer com a dor; Ressurreição da carne: "face a face"; Novos Céus e Nova Terra, onde habitará a justiça; Morte eterna ou inferno: possibilidade do avesso; Deus é nosso lugar.

No capítulo introdutório "Entre céus e terra, entre tempo e eternidade", Susin (2018, p. 17) tece considerações a respeito das grandes perguntas sobre o enigma último do destino da humanidade, apresentando como ponto prevaiente desse estudo "as condições de possibilidade de existência de escatologia e de criação", se fazendo necessário uma "escatologia fundamental" para a linguagem contemporânea.

No subtema "Um método hermenêutico fundamental", Susin postula que para a fé cristã há um círculo hermenêutico: compreende-se Cristo na escatologia e a escatologia à luz de Cristo. Examina a concepção do filósofo Ernst Bloch (1885-1977) no tocante ao "princípio da esperança como motivação e compreensão da história", depreendido como um princípio "primeiro" — uma arquê — ou utópico. Bloch elaborou a locução "já-agora e ainda-não" entre o horizonte utópico (futuro) e o presente da ação.

Seguindo essa mesma lógica, Jürgen Moltmann (1926) na construção da sua teologia da Esperança tomou por base o "princípio esperança" e a locução "já-agora e ainda-não" de Bloch, a categoria de "antecipação" (prolepsis, em grego), o que está lançado à frente, de Wolthart Pannenberg (1928-2014).

Desse modo, o "ainda não" (ressurreição dos mortos) antecipa-se em um acontecimento "já agora" (ressurreição de Cristo), horizonte escatológico que procede do futuro. Afirma que se deva entender coadunadas escatologia e criação, fundamentando-se para tanto na compreensão de Moltmann. Em seguida, examina

duas perguntas "A terra sem o céu? O tempo sem a eternidade?" — A escatologia da Modernidade.

Após realizar uma breve explanação sobre o paraíso prometido, Susin passa a perquirir o inferno que assim, como o primeiro, também foi secularizado. A escatologia terrestre se faz presente nos estudos de Marx e Freud uma vez que os mesmos postulavam sobre uma sociedade sem classes e do sujeito liberado, livre de seus demônios interiores. Desse modo, conclui que na Modernidade, livrar-se do medo seria libertar-se da escatologia.

No segundo capítulo "A história de Deus", verificando se tratar de uma tarefa complexa, infere que seria quase impossível avançar os estudos sobre escatologia sem que, para tanto, pudesse examinar o tempo e espaço. Em virtude de se tratar de uma incumbência que exige certa obstinação, propõe iniciar analisando o tempo. Sua investigação ressalta o tempo circular compreendido como "uma espiral para baixo".

Discutindo a história dentro da perspectiva de que antes de ser humana é a história de Deus, exemplifica o tempo abraâmico da promessa futura; "*Kairós*" como a páscoa de Jesus, tempo e esperança escatológica; tempo ético como memória e profecia; o apocalipse sobre o tempo (o final do tempo não se efetua no tempo e sim no seu desdobramento); e o Messias, Senhor do tempo e do sábado.

Friza Susin que a história da humanidade está intrinsecamente ligada ao ecossistema terra. Quanto à ecologia terrestre e exterior possui uma história que necessita se constituir com a ecologia celeste e interior para que seja alcançada a fecundidade e o progresso em harmonia. A partir disso, nessa trajetória da humanidade, o autor considera a necessidade de ir além da escatologia da humanidade, em direção ao destino da terra e do universo.

Dando seguimento, no terceiro capítulo, "O espírito e a esposa dizem: Vem!" introduz a discussão explicitando sobre a plataforma — Jesus como Cristo, o Espírito Santo como espírito criador e messiânico, a comunidade como lugar de experiência da comunidade dos santos, do perdão e dos laços amorosos — firmada sobre três colunas — cristológica, pneumatológica, eclesiológica — para uma reflexão quanto ao

que e a quem almejamos na esperança. Para o mesmo (2018, p. 70) “Cristo sintetiza em si, como pessoa, o caminho, a verdade e a vida”.

Desse modo, averigua os princípios gerais — unificação, personificação, antecipação na dimensão da ressurreição de Cristo como fato escatológico e histórico, e norma —, encontrada no Novo Testamento, para em seguida, investigar a vida de Cristo como escatologia. Além disso, para melhor compreensão da dinâmica do tempo no Novo Testamento, na metodologia emprega a palavra-chave — aproximação —, “está próximo”, “aproximou-se”, “já está no meio de vós”, posto que proclame o novo tempo.

No quarto capítulo “Morte cristã”, Susin traz à discussão que a morte não sobreveio por causa do pecado, mas por leis da natureza. Lembra o autor (2018, p. 95) que "todo ser vivo é mortal, todo organismo vivo tem uma curvatura que decai na entropia até sua morte 'natural'; o homem é mortal e não há na natureza viva um 'princípio de imortalidade'". Além disso, o mesmo (2018, p. 95) se fundamenta no princípio de que "o desejo de imortalidade é mais do que instinto de sobrevivência ou esforço por manter-se no ser”.

Analisa as diferentes interpretações sobre a morte, tomando por base as críticas realizadas por Spinoza, Carl Sagan, Freud e Heidegger. Esse último apresenta a morte como uma maneira de ser, por conseguinte, como fator de valorização da vida. Eis o ponto de partida adotado por Heidegger: a morte como um horizonte último e total sobre a vida na terra. Do ponto de vista da fenomenologia, a morte trata de um fechamento, perda, luto de si e derrota.

Outro aspecto dessa discussão trata-se da Teologia Cristã da morte que se alicerça na primeira chave de leitura a cristologia que tem na morte de Jesus — a morte do justo e do condenado — como inspirativa para que todos possam ter uma morte cristã. A discussão a partir dessas chaves se tornou fundamental para que, o autor pudesse avançar para outra perspectiva que é a morte como evento de decisão última e como juízo que se encadeiam fazendo parte de um mesmo processo, a ressurreição dos mortos, a redenção da carne e o juízo universal.

Na introdução do quinto capítulo “O juízo do justo juiz”, o autor elaborou um percurso metodológico para examinar o juízo sob três enfoques de ordem: antropológica,

política e social, para posteriormente, reportar-se a um determinado número de expressões culturais e religiosas. Em seguida, deteve-se à interpretação bíblica e nomeadamente cristã.

Preconiza que morte, juízo, perdão e remissão, ressurreição, vida eterna não são episódios dissociados ou consecutivos e que deveriam ser analisados em um só acontecimento, com o auxílio das chaves cristãs de leitura. Especifica que este capítulo terá como foco o juízo que fascinou as artes de um modo geral juntamente com a pregação religiosa. No que concerne à tradição cristã é declarada a vinda do Messias — a Parusia (Para-ousia) — o Último Dia. Menciona o autor que nas artes plásticas é um dia repleto de luz, claridade, a glória de Jesus. Não obstante, ao restringir o reino à Igreja ou à alma, conseqüentemente, ficou no passado.

No sexto capítulo “Purgatório’: amadurecer com a dor” o autor (2018, p. 150) parte de uma discussão sobre essa dimensão como doutrina que “nasceu da confiança na mútua ajuda da intercessão, mas acabou nas malhas de um acento individualista da salvação.” Do contrário, onde se encontra o movimento milenarista (mesmo que de caráter apocalíptico), quase não há consciência de um purgatório individual *post-mortem*.

A Modernidade busca extinguir a todo custo o sofrimento. A imortalidade não é constitutiva da natureza humana, ainda que de modo geral a humanidade a deseje. Possivelmente, por não haver indícios com referência a probabilidade de vida para além da morte. Susin analisa a perspectiva do purgatório como projeção de uma pedagogia que tem por condição a purificação e esforços penitenciais.

Os gregos viam a necessidade de purificação como ato pessoal de sofrimento na vontade de elevação e divinização, de visão prospectiva (futuro). Os latinos compreendiam a purificação vinda de fora, através de um fogo purificador, a partir da dimensão mais penalista da purificação, de visão retrospectiva (passado). Com a Reforma Protestante e o princípio da “*sola gratia*” o purgatório ficou sob suspeição de equívoco, da tradição eclesiástica. Dessa maneira, os termos “purgatório” e “pena” foram substituídos por “purificação” que se trata de uma palavra mais oriental. Perscruta o autor que a purificação significa a graça do Espírito e Páscoa de Cristo.

No sétimo capítulo, o autor (2018, p. 167) introduz o tema “Ressurreição da carne: ‘face a face’”, retomando a dimensão da imortalidade, já discutido nos capítulos quarto e sexto, reafirmando que se trata de “um anseio religioso transcendental presente em toda humanidade, a mais universal das constatações antropológicas, e exceções só confirmam a regra geral”.

De certo que na tradição cristã a “imortalidade da alma” é compreendida como dom de Deus. Entretanto, em São Paulo a “ressurreição dos mortos” ou “ressurreição da carne” que excede a “imortalidade da alma” ou “imortalidade do corpo” são as locuções mais acertadas da tradição cristã a respeito do destino da humanidade. Dito isto, a ressurreição de Cristo é o fundamento desta tradição e que dá o sentido da esperança.

Ao abrir a discussão do oitavo capítulo “Novos Céus e Nova Terra, onde habitará a justiça (2PD 3,13)”, Susin dar seguimento ao tema “o horizonte aberto” do primeiro e segundo capítulos, tecendo considerações sobre os múltiplos significados que o termo céu foi adquirindo ao longo do tempo, incorrendo na possibilidade de torná-lo vazio.

Esse esvaziamento do céu se deu na perspectiva histórica do planejamento e ação do homem juntamente com o espaço como “*res extensa*”, tendo a natureza como matéria-prima, disponível à ação. Intenta Susin sobre a necessidade de uma teologia que restaure não somente a significação da criação, como a sua destinação. A esse respeito, diz o autor (2018, p. 192) que se faz imprescindível “uma escatologia que seja integradora: a criação é bem compreendida à luz do seu destino escatológico”.

Sábado: tempo dos Novos Céus e Nova Terra. Enfatiza o autor que dentro do contexto narrativo da criação, o sábado tem o significado da consumação desta. O sábado compreende o tempo da reunião, da recuperação, da in-habitação, da alegria, um dos nomes de Deus – Shabat –, e a antecipação. O autor encerra esse tema frisando o aspecto *cósmico-temporal* do céu que se pode compreender a partir da criação, juntamente com a sua biodiversidade, resgatada com nossos corpos, representando assim o lugar de exultação, de vida eterna.

Ao iniciar o nono capítulo “Morte eterna ou inferno: possibilidade do avesso”, Susin direciona a discussão, partindo da conclusão de que Deus não vislumbrava

condenação e, portanto, não teria criado nenhum inferno. Do contrário, um Deus de promessa que pregava a vida eterna, salvação, felicidade na comunhão. O que mais influenciou na propagação do inferno foi não só a pregação, como também a catequese e a literatura religiosa, invadindo o imaginário cristão. Em consequência disso, assevera o autor que o medo desvirtuou a escatologia e a imagem de Deus.

Expõe os vários sentidos que adquiriu a palavra “inferno” na história do pensamento Cristão, como xeol — lugar na terra para onde descia os mortos; hades — mundo subterrâneo; tártaro — lugar de perdição; inferus — aquilo que está embaixo; descensus ad infernos — descidas de heróis aos infernos e sua subida; limbo — privado do céu; geena — fogo ou lago de fogo. Aqui não se pode deixar de perceber a influência do ensinamento do magistério sobre a condenação e o inferno quando incidi o primeiro problema sobre a interpretação da escritura: eternidade ou não do inferno.

Para concluir as questões levantadas e argumentações realizadas durante todo o percurso da obra, no décimo e último capítulo “Deus é nosso lugar”, Susin se volta para o tema a respeito da renúncia do Criador para que se realizasse a criação — espaço de alteridade em relação a Deus — e em que se deu a mais completa renúncia do Criador ao criar a criatura, concedendo-lhe a liberdade. Lembra o autor (2018, p. 250) que a “fé, a esperança, como o amor, são os atributos históricos de Deus, são a sua onipotência, onipresença e onisciência. É a entrada e o risco de Deus na história para conduzi-la à escatologia”.

A seguir, reporta-se a expansão e afirmação da Fé Cristã pelo mundo que se dá através do anúncio do Verbo divino em que a fé e esperança se alicerçam no eixo escatológico da eternidade presente no tempo e com a face de Cristo. Não somente, encontram-se registradas nos hinos cristológicos, mas esses hinos cantados ainda hoje, inspiram a mesma fé e esperança.

A temática sobre o destino do universo e da humanidade mediante a iminente ameaça da finitude da existência terrena desafia o pensamento humano. O éschaton – a realidade última – não se refere tão somente aos registros que ficaram em um passado distante, pelo contrário, requer no presente respostas que se adéquam às discussões mais recentes. Com esse propósito de elucidar as questões de forma inovadora, Susin

considera imprescindível uma “escatologia fundamental” para a linguagem contemporânea.

A relevância desse estudo trata-se da possibilidade de existência da escatologia e criação e, principalmente, do “envelopamento” de ambas na história (do homem no mundo). Assim como, considera de extrema importância pôr em foco a escatologia sob a perspectiva do tempo e eternidade, bem como a esperança escatológica. Vale ressaltar que diante da consistência desse trabalho optou-se por considerar apenas os tópicos mais expressivos das ideias desse autor.

Em função disso, alguns aspectos gerais de afirmação metodológica que permitem identificar a sua abordagem a respeito do tema serão aqui apreciados. Nessa perspectiva, já definido o tema que compreende a escatologia, pensamento e linguagem, o autor parte para uma análise da morte, juízo, purgatório, Novos Céus e Nova terra e inferno, recomendando, além dos teóricos visitados, os textos do Concílio Vaticano II "Lumen Gentium" e à "Gaudium et Spes". Do ponto de vista teórico-metodológico, este livro reuniu diferentes perspectivas da ciência que se somam a sensibilidade secular e pluralismo religioso.

Cabe destacar as afirmações com as quais Susin avança na questão sobre o juízo analisando que é esperado por aqueles que vivenciam as injustiças da história e que Cristo ao descer até o inferno, se fez solidário com aqueles que sofrem o inferno concebido pela história. Isto posto, averigua-se uma tensão entre parusia e história, entre o “ainda não” e o “já agora” estabelecendo o tempo como tempo da graça. Resumidamente, apresenta o aspecto heroico e luminoso da Modernidade. Assim como, reflete criticamente sobre o paraíso prometido, e, em seguida, do "inferno" e sua secularização, cumprindo com o objetivo desse estudo.

Ao enfrentar dificuldades na interpretação e compreensão da leitura desse volume, decorrente do emprego de alguns termos específicos utilizados pelo autor, sugere-se um glossário temático no final deste livro. Por conseguinte, possibilitará ao leitor familiarizar-se com esses termos, o que resultaria em uma maior discussão a respeito do texto e, a partir do mesmo, a elaboração de novas propostas de estudo.

As contribuições de Susin, ao longo da descrição da obra, se mantêm consistentes e devidamente pertinentes, consideradas aqui bastante inovadoras. Este trabalho se traduz em ferramenta essencial ao leitor que deseja aprofundar os seus conhecimentos sobre escatologia cristã e criação e, principalmente, recomenda-se aos pesquisadores da área de Teologia e Ciências da Religião.